

O impacto da crise financeira brasileira nas indústrias de alimentos

Gustavo Tadra Waldmann (Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR) gustavotadra@gmail.com
Thales Miquéias dos Santos (Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR) thales_t.m.s@hotmail.com
Carla Cristiane Sokulski (Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR) carlacristiane2@hotmail.com

Resumo:

O estudo tem como objetivo identificar qual é o impacto da crise econômica de 2015 no cenário econômico-financeiro das indústrias alimentícias brasileiras entre 2012-2016. Para isto, realizou um estudo descritivo com abordagem quantitativa em 15 indústrias do setor alimentício listadas na BM&FBovespa. As análises deram-se por meio dos indicadores econômicos financeiros de liquidez, rentabilidade, endividamento e atividade. Os dados para o estudo foram coletados do banco de dados do site da BMF&Bovespa no período de 2012 a 2016, sendo que a tabulação dos dados e elaboração de gráficos e tabelas foi realizada no Microsoft Office Excel 2010, por meio da média dos indicadores para cada ano. Com isso, os resultados demonstraram uma crise do setor e pode-se mensurar seus efeitos no faturamento, ativo total, lucro líquido das companhias além da capacidade destas em honrar seus débitos, entre outros. Verificou-se que o pior momento da crise do setor foi em 2015 e que a indústria de alimentos brasileira já está em recuperação desde 2016. Assim, infere-se que os indicadores econômico-financeiros das indústrias do setor alimentício brasileiro apresentaram variações relevantes no período da crise econômica brasileira de 2015.

Palavras chave: Crise Financeira, Indústria de Alimentos, Indicadores Econômico-Financeiros.

The impact of the Brazilian financial crisis on food industries

Abstract

The study aims to identify the impact of the economic crisis of 2015 on the economic and financial scenario of the Brazilian food industry between 2012-2016. For this, a descriptive study with a quantitative approach was carried out in 15 food industry companies listed on BM&FBovespa. The analysis was based on financial economic indicators of liquidity, profitability, indebtedness and activity. The data for the study were collected from the database of the BMF&Bovespa website from 2012 to 2016, and data tabulation and charting were done in Microsoft Office Excel 2010, using the average of the indicators for each year. As a result, the results showed a crisis in the sector and it can be measured its effects on revenues, total assets, companies' net income and their ability to honor their debts, among others. It was verified that the worst moment of the crisis of the sector was in 2015 and that the Brazilian food industry is already in recovery since 2016. Thus, it is inferred that the economic-financial indicators of the industries of the Brazilian food sector presented significant variations in the period of the Brazilian economic crisis of 2015.

Key-words: Financial Crisis, Food Industry, Economic-Financial Indicators

1 Introdução

A alimentação se vê presente na vida de todos os seres vivos, e na medida em que uma população cresce, a sua demanda por alimentos aumenta, tornando o setor alimentício um dos que mais se destaca no país, porém, com a crise econômica que atingiu o país em 2015, o cenário passou a ser duvidoso.

No atual cenário brasileiro, o vocábulo crise é um dos termos mais proferidos no contexto urbano, desde o cidadão comum pertencente a qualquer um dos diferentes níveis de negócios aos ocupantes de altos postos de empresas e de organismos governamentais ou não. De

maneira geral, para o cidadão, a crise é vista como uma turbulência, um descompasso passageiro ou uma confusão prolongada em determinados segmentos do cotidiano (MACHADO, 2008).

A criação de índices por meio da análise das demonstrações financeiras é uma metodologia utilizada para analisar o desempenho econômico-financeiro (ALVES; SOUZA, 2017), sendo assim, sabe-se que os principais dados para se realizar uma análise de desempenho econômico-financeiro e uma organização se encontram nas demonstrações financeiras, e para conhecer a situação passada, presente e futura da empresa é necessário utilizar como base esse conjunto de informações, e desta forma os indicadores econômico-financeiros têm como objetivo mensurar as informações precisas e prever situações futuras para o auxílio na tomada de decisão (RIBEIRO, 2013).

O setor alimentício vem se recuperando anualmente. De acordo com a ABIA (2017), em 2016 o setor apresentou um aumento do faturamento nominal em 9,3% e o seu faturamento real, deflacionado pelo IPCA, em 0,6% em relação ao ano de 2015. Desta forma, percebe-se que mesmo em um cenário de crise econômica no Brasil desde 2015, o setor industrial alimentício vem crescendo ao longo dos anos. Porém, devido à crise econômica de 2015-2016 se viu necessário um estudo aprofundado das empresas do setor alimentício presentes na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo – BM&FBovespa, a fim de compreender a situação econômica das mesmas.

Diante disso, o presente artigo visa responder a seguinte problemática: Qual é o impacto da crise econômica de 2015 no cenário econômico-financeiro das indústrias alimentícias brasileiras entre 2012-2016? A importância concentra-se na análise dos efeitos reais da crise de 2015-2016 no desempenho econômico-financeiro das organizações baseado nos indicadores econômico-financeiros, contribuindo para reforçar os conceitos que embasam tal pesquisa.

O presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: após essa breve introdução é feito o embasamento teórico a respeito dos conceitos que alicerçam a pesquisa, seguido dos procedimentos metodológicos utilizados na realização da mesma. Após é apresentada a análise e discussão dos dados, finalizando com as considerações finais do trabalho, suas limitações e sugestões de pesquisas futuras.

2 Crise Econômica

A crise econômica é uma perturbação para os mercados financeiros, tipicamente associada à queda dos preços dos ativos e à insolvência entre devedores e intermediários, que se ramifica por meio do sistema financeiro, interrompendo a capacidade do mercado de alocar capital dentro da economia. No caso da crise econômica internacional, as perturbações se espalham sobre fronteiras internacionais, interrompendo a capacidade do mercado de alocar capital internacionalmente (HETMANCHUK; SUCHOLINSKI, 2013).

As crises econômicas são parte importante do cenário econômico global e pesquisas relevantes têm sido direcionadas aos seus efeitos econômicos e políticos. As crises criam condições que afetam substancialmente o mercado de trabalho, onde as firmas perdem capital e passam por uma difícil fase, principalmente na procura por fundos adicionais, levando-as a reduzir a mão de obra a fim de minimizar custos. Assim, trabalhos empíricos nesta área tem encontrado uma relação robusta entre as crises e a taxa de desemprego (BLANTON, *et al.* 2015). Isto pode ser percebido no cenário brasileiro, onde em 2015, segundo dados do IBGE, a taxa de desemprego fechou em 8,5%, chegando a 8,6 milhões de pessoas desempregadas, um aumento de quase 30% em relação à 2014.

Um cenário semelhante ocorreu na Grécia em 2011, que há dois anos já havia capturado a atenção global por conta de sua crise econômica causada pelos seus empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI) e instituições européias e havia concordado em duras medidas de austeridade. Sua economia foi esperada contrair mais 6.1% em 2011 e 3% em 2012, enquanto a taxa de desemprego foi projetada para alcançar 18.5% em 2012, mais que o dobro em relação a 2008, quando atingia 7.7% (KENTIKELLENIS; PAPANICOLAS, 2011).

A Argentina, por exemplo, criou um comitê de defesa para monitor a crise, tendo em vista a proteção cambial e a regularidade dos preços das suas principais *commodities*, cujas elasticidades já prenunciam quedas em suas exportações e o encarecimento de suas importações, os quais têm reflexos imediatos no nível de preços internos, isto é, a presumível volta gradual da inflação (MACHADO, 2008).

Identifica-se um crescimento no número de estudos que investigam como as pessoas entendem a economia mundial, os quais foram motivados não somente pelo interesse acadêmico na percepção que a população possui frente aos processos econômicos, mas também, porque a atividade econômica (e.g. inflação, taxa de desemprego, taxa de juros) é afetada pela forma como as pessoas a percebem (LEISER, *et al.*, 2015).

Em 1997 e 1998 a crise econômica e financeira desestruturou o setor de manufatura da Indonésia, e o impacto da crise teve diferentes formas, dependendo se as firmas estavam altamente endividadas ou não. Apenas em 1998 que a crise apresentou o seu maior impacto nas indústrias de mercado interno, o declínio acentuado no poder de compra dos consumidores, causado pela inflação (WIE, 2000).

2.1 Indicadores Econômico-Financeiros

Os indicadores econômico-financeiros são metodologias que permitem uma análise criteriosa e efetiva da condição financeira de uma empresa ou setor econômico, e buscam apresentar a situação passada, presente e futura da organização, segundo Matarazzo (1998, p.153) “é a relação entre contas ou grupo de contas das Demonstrações Financeiras, que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa”.

A criação de indicadores por meio da análise das demonstrações contábeis é uma prática muito utilizada para obter uma análise de desempenho econômico-financeiro das empresas, em que o principal objetivo é auxiliar à tomada de decisões. Os indicadores possibilitam que sejam extraídas tendências que podem ser comparadas aos índices com padrões preestabelecidos (ALVES; SOUZA, 2017).

Alguns pesquisadores como Bortolluzzi *et al.* (2011), Matarazzo (2010) e Marion (2012) dividem os indicadores econômicos-financeiros em três grupos: índices de liquidez, índices de rentabilidade e índices de estrutura de capital. Por outro lado, Gitman (2002) e Assaf Neto (2014) dividem-os em quatro grandes grupos: índices de liquidez, índices de atividade, índices de endividamento e índices de rentabilidade. Assaf Neto (2014) e Gitman (2002) descrevem que o índice de endividamento auxilia os gestores na análise de dívida das suas empresas, assim como a capacidade de cumprir as suas obrigações (SILVA, 2015).

Os índices de liquidez avaliam a capacidade de pagamento da empresa frente a suas obrigações financeiras (ASSAF NETO, 2014). São utilizados para as empresas observarem sua estrutura, uma vez que para cumprir as obrigações financeiras de curto prazo é necessário possuir recursos disponíveis para suportar tais obrigações (RIBEIRO, 2013).

O índice de rentabilidade representa o sucesso econômico alcançado pela empresa em determinado período de tempo (SILVA, 2015). Representa a saúde financeira da empresa, a confiança e riqueza empresarial (GARTNER; GARCIA, 2005).

Índice de endividamento é utilizado para estimar a estrutura dos recursos da companhia, representam a forma como os recursos de terceiros estão sendo aplicados pela empresa e a sua participação relativa pertencente ao capital próprio. Por meio desse índice pode-se compreender alguns pontos utilizados para avaliar o grau de comprometimento financeiro e a sua capacidade da empresa cumprir esses comprometimentos ao longo prazo diante dos seus credores (RIBEIRO, 2013).

O índice de atividade representa o ciclo operacional, que segundo Passaia *et al.* (2011) medem a eficiência com que os recursos financeiros são investidos pela empresa no seu Ativo Circulante.

Os cálculos dos indicadores fornecem informações contábeis reconhecidas como a fonte principal para analisar o desempenho de uma organização. Para obter-se uma análise eficiente, há a necessidade da seleção de um número de indicadores, visto que quando se avalia os indicadores financeiros de forma individual e ao longo do tempo, também é possível efetuar comparações com as melhores empresas do setor, formando parâmetros para a melhoria do sistema de administração da organização (ALVES; SOUZA, 2017).

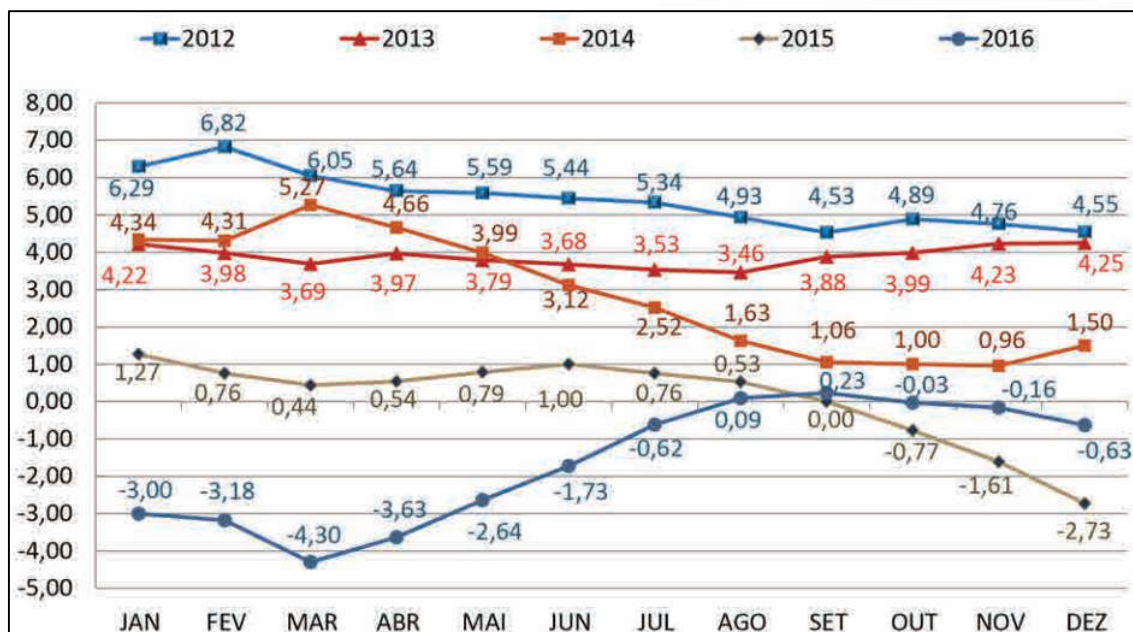
2.2 Indústria de alimentos

De acordo com estudo da Fundação Getúlio Vargas (2016) a indústria de alimentos no Brasil representava 10% do PIB em junho de 2016, com receita superior a R\$480 bilhões e responsável por 15% dos empregos de toda a indústria. O estudo afirma ainda que o Brasil é um dos maiores *players* mundiais no agronegócio, mas a indústria de alimentos brasileira não, apesar de diversificada e cobiçada tanto pela exclusividade quanto pela qualidade. Neste segmento, 54% da receita de todo o setor era proveniente de três grandes grupos de empresas, ficando o restante distribuídos por empresas de pequeno e médio porte.

O relatório anual do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, *Brazil Food Processing Ingredients* afirma que o setor de agricultura do Brasil é uma de suas bases, sendo responsável por 30% do PIB brasileiro em 2014. Além disso, o Brasil é uma das grandes potências mundiais em várias *commodities*, sendo o maior produtor mundial de açúcar, café e suco congelado concentrado de laranja; segundo maior produtor mundial de soja em grãos, carne bovina e aves; terceiro em milho e carne suína e quinto maior produtor de algodão. O relatório complementa que a indústria brasileira de alimentos processados foi responsável em 2014 por 9,5% de um total de US\$2,2 trilhões do PIB (USDA, 2015).

A indústria de alimentos brasileira registrou exportações de US\$31,5 bilhões e faturamento de R\$614,3 bilhões em 2016. No setor houve investimento de R\$8,9 bilhões, sendo empregados R\$11,6 bilhões em fusões e aquisições e gerando diretamente mais de 1,6 milhões de empregos no Brasil, sendo o setor que mais emprega na indústria de transformação (ABIA, 2016).

As vendas reais no setor vinham se mantendo praticamente estáveis até meados de 2014, quando a crise econômica brasileira começou a se acentuar. A partir de maio de 2014, as vendas começaram a desacelerar rapidamente. O setor passou a apresentar retração nas vendas a partir de outubro de 2015, atingindo o nível mais baixo de -4,3% em março de 2016, como pode ser visto na Figura 1. Nesta mesma época, o Brasil passava por um momento conturbado na política, visto que se instaurou uma crise que levou ao impedimento da então presidente Dilma Rousseff em 2016 (SENADO NOTÍCIAS, 2016).



* Vendas Reais (var % acum. 12M).

Fonte: ABIA, 2016.

Figura 1: Desaceleração da indústria alimentícia

Após a posse do novo governo brasileiro medidas importantes foram tomadas e reformas estruturais voltaram em pauta (FGV, 2016). A inflação medida pelo IPCA que havia atingido o patamar de 10,67% em dezembro de 2015, caiu para 6,29% em dezembro de 2016. A inflação acumulada até o mês de julho no ano de 2017 era de 1,43%, contra 4,96% no mesmo período do ano anterior, 6,83% no mesmo período de 2015 e 3,76% no mesmo período de 2014. Em junho de 2017 houve deflação, algo que não acontecia desde junho de 2006, de -0,23% (IBGE, 2017). Para 2017, o Banco Central do Brasil projeta um leve crescimento no PIB brasileiro de 0,4% (BACEN, 2017).

Na mesma época dos acontecimentos políticos citados, a indústria de alimentos passou a aumentar suas vendas a partir de abril de 2016 (Figura 1), chegando ao fim do ano apresentando o fim de um ciclo de quedas.

A indústria de alimentos é uma das maiores responsáveis pela geração de empregos no Brasil. Durante a crise houve aumento considerável na taxa de desemprego. O nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação se situou numa média de 74,6% no segundo trimestre de 2017, ante 78,6% para a média dos 5 anos anteriores. A taxa de desemprego que era menor que 7% em janeiro de 2015, praticamente dobrou até meados de março de 2017 (BACEN, 2017).

De acordo com o ranking das maiores empresas do Brasil produzido pelo Valor Econômico (2017), das 100 maiores, 11 são do setor de alimentos. Além disso, cinco delas se destacam por sua elevada receita. Enquanto que a 6ª maior empresa do setor possui receita bruta de aproximadamente R\$ 19 bilhões, a Cargill que figura na quinta colocação, registrou em 2016 uma receita de R\$ 32 bi. No topo está a JBS, segunda maior empresa brasileira, atrás apenas da Petrobras com receita de R\$ 170,38 bi. Na segunda colocação encontra-se a Ambev com receita bruta de R\$ 45,6 bi, na terceira colocação está a Bunge com faturamento de R\$ 35,3 bi e na quarta está a BRF, cuja receita em 2016 foi de R\$ 32,7 bilhões.

3. Procedimentos metodológicos

O estudo tem como objetivo identificar qual é o impacto da crise econômica de 2015 no cenário econômico-financeiro das indústrias alimentícias brasileiras entre 2012-2016. Com isso, quanto ao objetivo, o estudo classifica-se como descritivo, ao ponto em que descreve as características de um determinado grupo de empresas. Quanto a abordagem do problema classifica-se como quantitativo. A população da pesquisa abrange as indústrias alimentícias listadas na BM&FBovespa. E o período temporal corresponde aos anos de 2012 à 2016.

A coleta de dados para a realização desta pesquisa se deu por meio do banco de dados das empresas do setor alimentício nacionais listadas na BM&FBovespa, a partir dos demonstrativos de resultados e balanços patrimoniais. Para caracterizar o desempenho econômico-financeiro das indústrias do setor alimentício foram calculados os indicadores de liquidez, atividades, endividamento e lucratividade, conforme apresenta a Tabela 1.

INDICADORES	FÓRMULA	INDICADORES	FÓRMULA
Índices de Liquidez		Índices de Rentabilidade	
Liquidez Corrente	$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$	Margem Bruta	$\frac{\text{Lucro Bruto} \times 100}{\text{Receita Operacional Líquida}}$
Liquidez Seca	$\frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$	Margem Operacional	$\frac{\text{LAJIR} \times 100}{\text{Receita Operacional Líquida}}$
Liquidez Imediata	$\frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Passivo Circulante}}$	Margem Líquida	$\frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Receita Operacional Líquida}}$
Liquidez Geral	$\frac{\text{Ativo Total}}{\text{Passivo Total} - \text{Patrimônio Líquido}}$	ROA	$\frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Ativo Total}}$
Índices de Endividamento		ROE	$\frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$
Endividamento Geral	$\frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo não Circulante} \times 100}{\text{Passivo Total}}$	Índices de Atividades	
Imobilização do Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Ativo não Circulante} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$	Período Médio de Cobranças ou Recebimentos	$\frac{\text{Duplicatas a receber} \times 360}{\text{Receita Bruta}}$
Passivo não Circulante/ Patrimônio Líquido	$\frac{\text{Passivo não Circulante} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$	Giro das duplicatas a receber	$\frac{360 \text{ dias}}{\text{Período Médio de cobrança}}$
Índice de cobertura de juros	$\frac{\text{LAJIR}}{\text{Juros}}$	Período Médio de Estocagem	$\frac{\text{Estoques} \times 360}{\text{Custo dos Produtos Vendidos}}$
		Giro dos Estoques	$\frac{360 \text{ dias}}{\text{Período Médio de Estocagem}}$
		Giro do Ativo Total	$\frac{\text{Vendas}}{\text{Ativo Total}}$

Fonte: Adaptado de Matarazzo (2010) e Assaf Neto (2014).

Tabela 1 – Indicadores econômico-financeiros aplicados

Com base nas fórmulas apresentadas na Tabela 1, os cálculos foram realizados por meio de planilhas eletrônicas no software Microsoft Office Excel 2010, por meio da média aritmética simples de cada ano analisado para o grupo de empresas do setor. E para uma melhor apresentação dos resultados, ilustrou-se com a construção de gráficos.

4. Análise e discussão dos dados

Coletou-se dados contábeis de 18 empresas listadas na BM&FBovespa para se fazer uma

análise dos índices econômicos e contábeis do setor. Todavia, optou-se por manter apenas 15 delas pelo fato das outras 3 distorcerem os dados do setor. As empresas excluídas da análise foram a JBS, a BRF e a Minuspar.

A JBS e a BRF foram excluídas por motivos semelhantes. Ambas são muito maiores que qualquer outra empresa do setor, causando distorções completas quando se calculou as médias de receita operacional líquida, ativos, passivos, lucro líquido e outros. Além disso, como se deseja analisar como a crise brasileira de 2015 afetou as empresas nacionais, ocorria distorções também por estas duas empresas terem grande quantidade de ativos no exterior, fazendo com que estas se tornassem menos suscetíveis à crise nacional do que as demais empresas com boa parte de seus ativos em território brasileiro.

A Minuspar foi excluída por apresentar maus resultados financeiros desde 2012, isto é, bem antes de a crise atingir seu nível mais crítico. Com isso, a empresa causava distorções na análise dos índices financeiros do setor inteiro. A Tabela 2 apresenta as empresas analisadas e seus respectivos setores.

SETOR	EMPRESAS
Consumo não Cíclico / Agropecuária / Agricultura	Brasilagro - Pomifrutas - SLC Agrícola - Terra Santa Agro
Consumo não Cíclico / Alimentos Processados / Carnes e Derivados	Excelsior - Marfrig - Minerva
Consumo não Cíclico / Alimentos Processados / Alimentos Diversos	J. Macedo - Josapar - M.Dias Branco - Oderich
Consumo não Cíclico / Bebidas / Cervejas e Refrigerantes	Ambev
Consumo não Cíclico / Diversos / Produtos Diversos	Hypermarcas
Consumo não Cíclico / Comércio e Distribuição / Alimentos	P. Açúcar
Consumo Cíclico / Hotéis e Restaurantes / Restaurantes e Similares	IMC

Tabela 2 – Empresas analisadas e setorização

A Figura 2 apresenta o Ativo Total, a Receita Operacional Líquida e o Lucro Líquido do setor alimentício brasileiro no período entre 2012 e 2016.

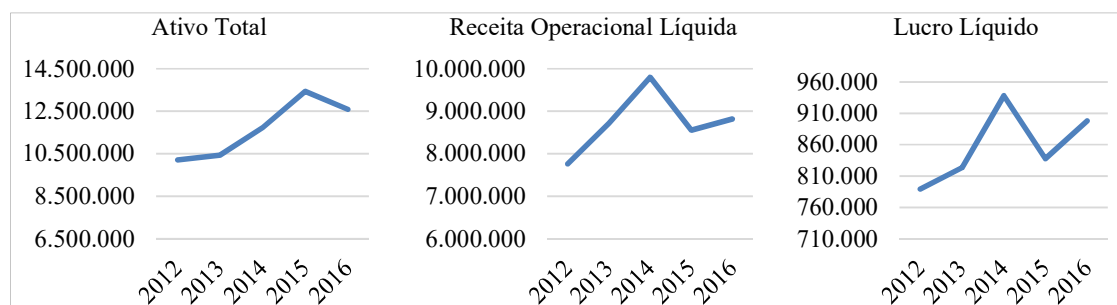


Figura 2: Ativo Total, Receita Operacional Líquida e Lucro Líquido do setor alimentício (em milhões R\$)

O Ativo Total cresceu no período entre 2012 e 2015, tendo uma queda em 2015. A receita operacional do setor cresceu consistentemente de 2012 a 2014 apresentando uma forte contração de 12,7% no ano de 2015 e uma leve recuperação de 3% em 2016. A queda nas vendas evidencia o ano mais crítico para o setor no período analisado, sendo justamente o período mais intenso da crise conforme (ABIA, 2016). Quanto ao lucro líquido, os resultados apresentaram crescimento de 4,3% em 2013 e 13,9% em 2014. Entretanto, quando a crise se instaurou em 2015, o setor registrou contração nos lucros de 10,7%, voltando a crescer em 2016 quando houve aumento médio de 7,2% no lucro líquido do setor.

A Figura 3 apresenta os índices de liquidez do setor alimentício. Tendo em vista que, os

índices de liquidez estão diretamente ligados com a situação financeira da empresa, em que quanto maior o valor dos índices, melhor a situação financeira da empresa. O índice é considerado aceitável para indústrias quando igual a 2 (ASSAF NETO, 2014; GITMAN, 2002).

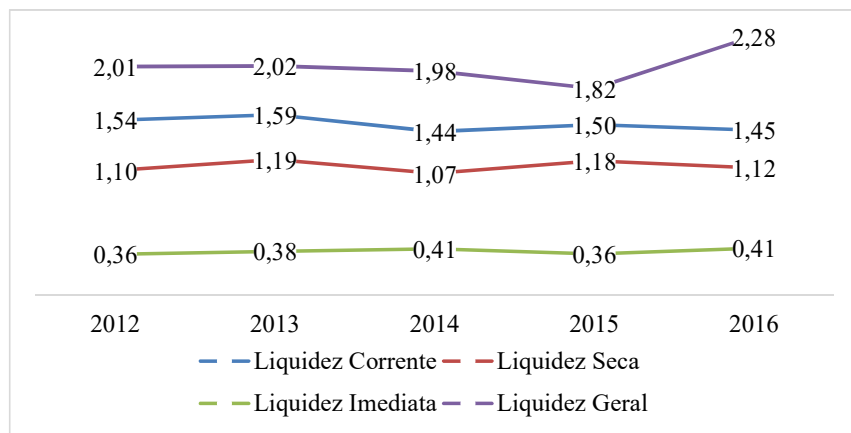


Figura 3: Ativo Total do setor alimentício (em milhões R\$)

Destaca-se o comportamento semelhante entre os índices de liquidez corrente e seca, apresentando ponto máximo no ano de 2013 e ponto mínimo em 2014, mesmo a crise econômica tendo atingido o Brasil em 2015, houve um desenvolvimento destes índices durante o período, devido ao aumento do ativo total da maioria das empresas do setor. Em relação ao índice de liquidez geral, observou-se que mesmo tendo relação com os índices de liquidez corrente e seca, apresentou um comportamento estável de 2012 a 2014, e em 2015, ano da crise econômica, houve uma queda de seu índice de liquidez geral, sendo assim, por apresentar valor abaixo de 2,00, poderia considerar que as empresas não possuíam saldo suficiente para honrar suas dívidas de médio e longo prazo durante o período. No ano de 2016 o índice teve o seu ponto máximo, devido ao aumento de 9,3% no faturamento que o setor apresentou no período, evidenciando um comportamento saudável após o ano da crise econômica.

No que se compete aos indicadores de endividamento, usou-se para a análise o endividamento geral, passivo não circulante sobre o patrimônio líquido (Passivo ã circulante/PL), imobilização do patrimônio líquido (PL) e índice de cobertura de juros conforme Figura 4.

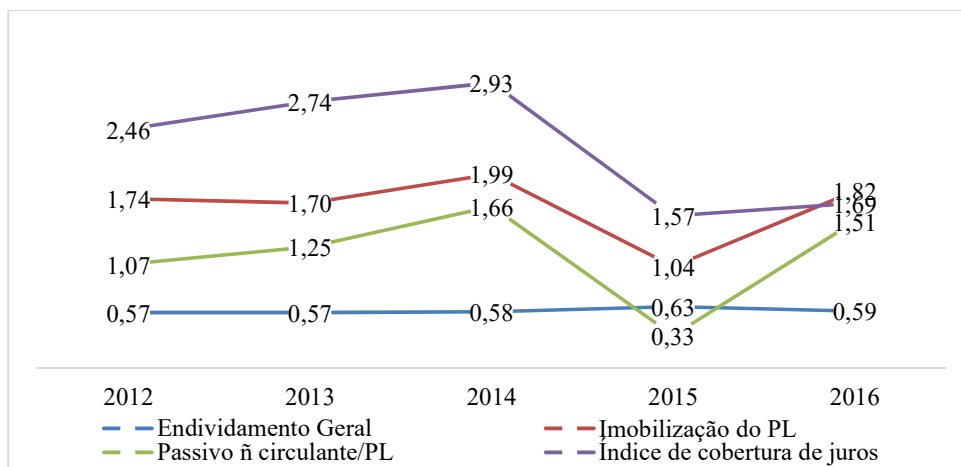


Figura 4: Ativo Total do setor alimentício (em milhões R\$)

O endividamento geral não apresentou alteração acentuada ao longo do período, com o ponto máximo em 2015, coincidindo com o ano da crise econômica, em que aproximadamente 63% do ativo total das empresas foi financiado por capital de terceiros. No passivo não circulante sobre o patrimônio líquido houve um aumento do capital de terceiros em relação ao patrimônio líquido das empresas durante o ano de 2012 a 2014, ano que apresentou o seu ponto máximo, e em que para cada R\$1,00 de capital próprio, as empresas levantavam R\$1,66 de recurso de terceiros, sendo o ponto mínimo no ano de 2015.

Quanto ao imobilizado, evidenciou-se uma queda significativa do ano de 2014 para 2015, indicando que as empresas optaram por diminuir a quantidade de aplicação no ativo imobilizado de suas organizações durante o período de crise. Em relação ao índice de cobertura de juros, obtiveram-se valores aceitáveis durante o ano 2014 e nos anos seguintes índices minimamente aceitáveis, pois se sugere como aceitável valores de pelo menos 3,0, e melhor, na medida que, aproxima-se de 5,0 (GITMAN, 2002). Portanto, destacaram-se valores muito abaixo dos valores aceitáveis, apresentando que as empresas não possuíam a capacidade de honrar com seus pagamentos contratados de juros a partir de 2015.

A Figura 5 se refere aos indicadores de Lucratividade ou Rentabilidade (i.e. margem bruta, margem operacional, margem líquida, retorno sobre o ativo total – ROA e retorno sobre o capital próprio - ROE). No que se concerne à margem bruta, entende-se como a medida da porcentagem de cada unidade monetária de vendas que permanece após a empresa deduzir o valor dos bens vendidos. A margem operacional, por sua vez, mede a porcentagem de cada unidade de vendas remanescente posterior à dedução de todos os custos e despesas, exceto juros, imposto de renda e dividendos de ações preferenciais. A margem líquida serve para medir a porcentagem de cada unidade de vendas remanescentes após a redução de todos os custos e despesas, incluindo juros, impostos e dividendos de ações preferenciais. Em relação ao retorno sobre o ativo total serve para medir a eficácia geral da administração na geração de lucros a partir dos ativos disponíveis. Por fim, o índice de retorno sobre o capital próprio serve para medir o retorno obtido sobre o investimento dos acionistas ordinários da organização (GITMAN, 2002).

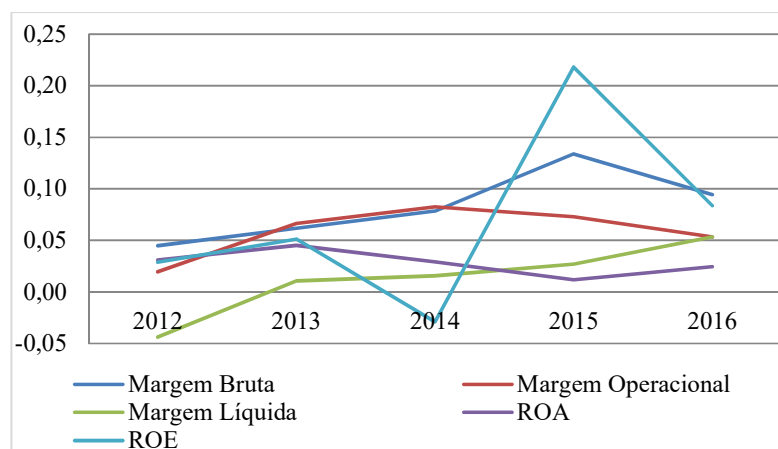


Figura 5: Ativo Total do setor alimentício (em milhões R\$)

O índice de margem bruta apresenta seu ponto máximo no período de 2015, ano da crise econômica, evidenciando que as empresas do setor alimentício optaram por reduzir o custo das mercadorias vendidas. Este índice se opõe ao de margem operacional, que apresentava um aumento de 2012 a 2014 seguido por uma queda no ano de 2015, representando um cenário preocupante, onde o lucro sobre as operações decaiu e permaneceu a cair no ano seguinte. Em

contrapartida, a margem líquida apresentou um aumento ao longo de todo o período estudado, mesmo não sendo um valor considerável para o tamanho das empresas do setor.

O retorno sobre o ativo total apresentou o seu ponto mínimo no ano de 2015, período no qual as empresas ganhavam em média 1 centavo por real investido nos ativos, em comparação ao ponto máximo do ano de 2013, onde recebiam em média 4 centavos por real investido. Por fim, no que se concerne ao retorno sobre o capital próprio, observa-se o ponto máximo em 2015, em que as empresas em média ganhavam 22 centavos por real de patrimônio líquido, em oposição ao ano de 2014, que apresentou o ponto mínimo do índice.

Os indicadores de atividade são apresentados na Figura 6. O índice de período médio de cobranças/recebimentos tem a sua utilidade para avaliar as políticas de crédito e cobrança, sendo significativo somente em relação às condições de crédito das empresas. O giro de duplicatas a receber demonstram quantas vezes ao ano são renovadas as cobranças ou recebimentos de seus saldos de conta. O período médio de estocagem revelam quantos dias, em média, os produtos estocados se mantem na empresa, e por fim, o giro dos estoques indicam quantas vezes ao ano os produtos de estoque são renovados (ASSAF NETO, 2014; GITMAN, 2002).

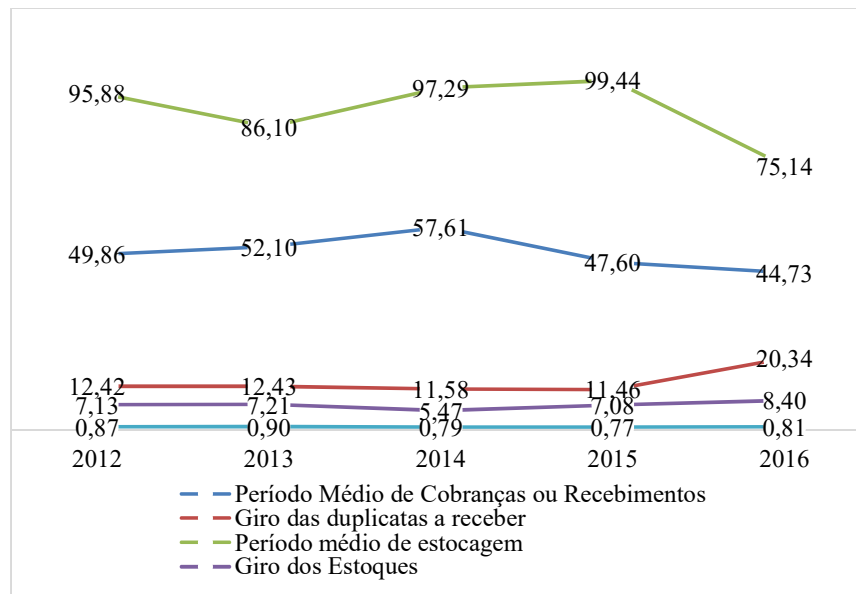


Figura 6: Ativo Total do setor alimentício (em milhões R\$)

O período médio de cobranças/recebimentos, no período estudado, manteve comportamento estável, havendo somente um maior prazo no ano de 2014, no qual se apresenta o ponto máximo, por outro lado, em relação ao giro de duplicatas a receber, destacou-se o ponto máximo no ano de 2016, em que a renovação de cobranças ou recebimentos se deu 20,34 vezes ao ano, devido à necessidade de capital para recuperar-se da crise econômica de 2015, e no restante dos períodos anteriores a 2016 estudados, o índice permaneceu estável. Em relação ao período médio de estocagem é possível analisar que no ano de 2013 onde apresentou o seu ponto mínimo, as empresas, em média, mantiveram os seus estoques por um período menor, em contrapartida, no ano de 2015, demonstrou o seu ponto máximo, em que as empresas mantiveram os estoques por um período maior, desta maneira, o giro de estoque no período de 2013 para 2014 houve uma queda, representando o seu ponto mínimo, e já em 2015 houve um aumento do giro de estoque, recuperando a média dos anos anteriores a 2014. Por fim, o giro do ativo total apresentou uma queda no período de 2014 e continuou a cair em

2015, demonstrando que a eficiência na utilização de seus ativos decaiu nesses períodos e conseguiram uma recuperação no ano de 2016.

5. Conclusão

O estudo buscou analisar o impacto da crise financeira do Brasil em 2015 na indústria alimentícia brasileira. Para isso, foram selecionadas 15 empresas listadas na BM&FBovespa. Constatou-se que a crise realmente impactou nesse setor industrial. Tanto a receita operacional quanto o lucro líquido sofreram quedas consideráveis no ano de 2015. Por consequência, em 2016 as empresas sentiram redução em seus ativos totais.

Como mostram os índices de liquidez do setor, em 2015 as empresas diminuíram significativamente suas capacidades de honrar dívidas de médio prazo devido a uma redução do capital para esse fim. Os indicadores de endividamento evidenciaram que a participação de capital de terceiros investidos nas empresas vinha crescendo até 2014, apresentando uma queda acentuada no ano de 2015. O endividamento geral atingiu seu pico no ano de 2015. As empresas apresentaram grande queda no índice de cobertura de juros, o qual passou de um valor próximo do aceitável, para metade disso. Os indicadores de lucratividade e rentabilidade mostraram que apesar da crise, o setor conseguiu aumento de margem bruta, líquida e ROE, assim como, queda na margem operacional e ROA.

No geral, a lucratividade do setor aumentou, ao contrário do lucro líquido, que sofreu queda de 10,7% em 2015. Os indicadores de atividade mostraram que as empresas intensificaram as cobranças de seus devedores a partir de 2015 e que após 2014, o setor veio aumentando o giro de seus estoques. Além disso, os produtos ficaram estocados por mais tempo nos anos de 2014 e 2015, apresentando o menor valor do período analisado em 2016. O período médio de cobranças e recebimentos também caiu em 2015 e novamente em 2016, possivelmente por conta da necessidade de fazer receita por parte das empresas no período da crise.

O presente trabalho não tinha por objetivo fazer uma análise individual das empresas do setor, sendo que o próprio setor era o objeto de interesse. Como limitação pode-se citar a eliminação das 3 empresas já citadas. Porém as mesmas provocariam distorção nos dados, gerando a possibilidade para estudos futuros de fazer a análise individual das indústrias alimentícias brasileiras. Os dados obtidos e que evidenciaram o impacto negativo nas empresas do setor de alimentos do Brasil foram tomados pela média de todas as empresas em cada ano, de 2012 a 2016. Isso possibilita a oportunidade para linhas de trabalhos futuros em fazer uma análise semelhante em outros setores ou em todas as empresas listadas na BM&FBovespa, como também, fazer um estudo de todas as empresas com uma abordagem individualizada a fim da identificação de clusters.

Referências

ALVES E SOUZA, J. *Aplicação da Análise Fatorial para identificação dos principais indicadores de desempenho econômico-financeiro em instituições financeiras bancárias*. Florianópolis: Revista Catarinense da Ciência Contábil, 2017

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO (ABIA). *Relatório Anual 2016*. Disponível em: <http://www.abia.org.br/vsn/temp/z2017417RELATORIOANUAL2016.pdf> Acesso em: 31/08/2017.

ASSAF NETO, A. *Finanças corporativas e valor*. 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2014.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BACEN). *Relatório de Inflação Junho de 2017*. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2017/06/ri201706P.pdf> Acesso em: 31/08/2017.

- BLANTON, R. G., BLANTON, S. L., PEKSEN, D.** *Financial Crises and Labor: Does Tight Money Loosen Labor Rights?* World Development, v. 76, p. 1-12, 2015.
- BORTOLUZZI, S. C. et al.** *Avaliação de desempenho econômico-financeiro: uma proposta de integração de indicadores contábeis tradicionais por meio da metodologia Multicritério de Apoio à Decisão Construtivista (MCDA-C).* Revista Alcance, v. 18, n.2, p. 200-218, 2011.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV.** *A Indústria de Alimentos no Brasil e na América do Sul.* FGV Projetos, nº 27, 2016.
- GAERTNER, I. R.; GARCIA, F.G.** *Criação de valor e estratégias de operações: um estudo do setor químico e petroquímico brasileiro.* Gestão de Produção, v. 12, n. 3, p. 459-468, 2005.
- GITMAN, L. J.** *Princípios de administração financeira.* 7 Ed. São Paulo: Harba, 2002.
- HETMANCHUK, A.; SUCHOLINSKI, A.** *Global Financial Crisis as a symptom of the Market economy turbulences in the 21st century,* Економічний вісник, 2013.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** *Em novembro, desocupação foi de 7,5%.* Disponível em: <http://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/9599-em-novembro-desocupacao-foi-de-7-5.html> Acesso em: 31/08/2017.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** *Série Histórica do IPCA.* Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultseriesHist.shtm Acesso em: 31/08/2017.
- KENTIKELLENIS, A.; PAPANICOLAS, I.** *Economic crisis, austerity and the Greek public health system.* European Journal of Public Health, v. 22, n. 1, p. 4-5, 2011.
- LEISER, D., BENITA, R., BOURGEOIS-GIRONDE, S.** *Differing Conceptions of the Causes of the Economic Crisis: Effects of Culture, Economic Training, and Personal Impact.* Journal of Economic Psychology, Forthcoming, 2015.
- MACHADO, J. R.** *A crise financeira mundial e a América Latina: pragmatismos sem teses inovadoras.* Revista Mundorama, 2008.
- MATARAZZO, D. C.** *Análise Financeira de balanços.* 5 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- MARION, J. C.** *Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial.* 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- MATARAZZO, D. C.** *Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial.* 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- PASSAIA, C., DASILVA, B. A., & DEMOZZI, M.** *Análise Econômica Financeira com utilização de índices.* Revista Online de Ciências Sociais Aplicadas em Debates, v. 1, n. 1, p. 26-45, 2011.
- RIBEIRO, L. et al.** *Análise multivariada dos indicadores econômico-financeiros das empresas de construção e engenharia listadas na BM&FBovespa: um estudo da aplicabilidade da pecking order theory.* Gestão e Tecnologia para a Competitividade, 2013.
- SENADO NOTÍCIAS.** *Senado Aprova Impedimento de Dilma Rousseff.* Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2016/08/senado-aprova-impedimento-de-dilma-rousseff> Acesso em 03/09/17.
- SILVA, P. Z. P.** *Análise da crise de 2012 no desempenho econômico-financeiro das indústrias de energia elétrica listadas na BM&FBovespa.* Porto Alegre: ConTexto, 2015.
- USDA FOREIGN AGRICULTURAL SERVICE.** *Brazil Food Processing Ingredients -Annual Report.* GAIN Report Number: BR15013. Disponível em: http://usdabrazil.org.br/upload/files/Food%20Processing%20Ingredients_Sao%20Paulo%20ATO_Brazil_12-7-2015.pdf Acesso em: 03/09/2017.
- VALOR ECONÔMICO.** *As 1000 Maiores Empresas, ranking 2017, setor de Alimentos e Bebidas.* Disponível em: http://www.valor.com.br/valor1000/2017/ranking1000maiores/Alimentos_e_Bebidas Acesso em: 03/09/17.
- WIE, K.** *The Impact of the Economic Crisis on Indonesia's Manufacturing Sector.* The Developing Economies, p. 420-53, 2000.